

Psicologia **do** Desenvolvimento

SEGREDOS DA
mente
Mistérios da
INTELIGÊNCIA

Segredos da Mente -
Mistérios da Inteligência
Ano 2, nº 2



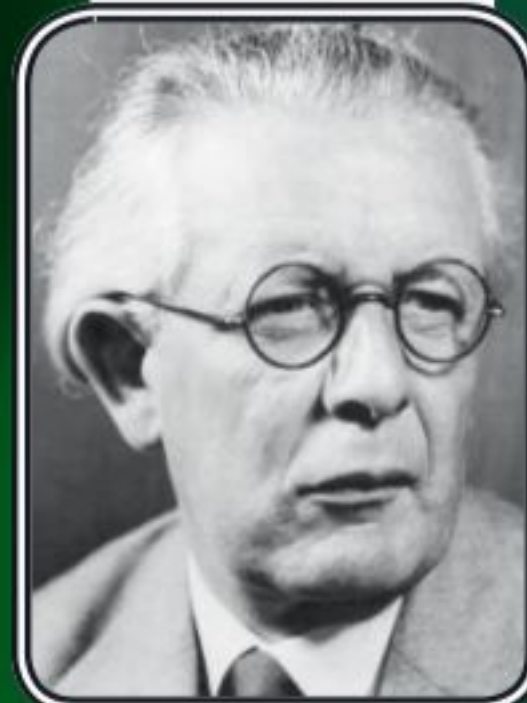
**Saiba por que a construção
do conhecimento é um
processo individual**

As vantagens da
**PEDAGOGIA
WALDORF**
na educação
das crianças

Como o
**MÉTODO
MONTESSORI**
estimula a
aprendizagem



PIAGET



As principais
teorias do
psicólogo suíço

A ORIGEM DO CONHECIMENTO

Segundo Jean Piaget, existem quatro estágios no
desenvolvimento intelectual infantil. Entenda!

Mente em progresso

O estudo da mente humana não é algo novo, remontando séculos de pesquisas científicas. Tantos anos de teorias e experiências acumuladas, no entanto, ainda não trouxeram explicações definitivas para determinadas questões envolvendo cérebro e cognição. Mesmo assim, hoje em dia, muito desse material ajuda neurologistas, psicólogos e educadores a criarem e aprimorarem técnicas para melhorar aprendizagem, foco, raciocínio e outras funções relacionadas ao desenvolvimento mental. Nesta edição de **SEGREDOS DA MENTE – MISTÉRIOS DA INTELIGÊNCIA**, demos destaque para a **PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO**, conjunto teórico e prático sobre a evolução comportamental desde a infância. Para tanto, trouxemos os principais estudos do psicólogo suíço Jean Piaget, considerado o pai dessa área do conhecimento, detalhando os quatro estágios de desenvolvimento definidos pelo especialista.

Ao longo das páginas, falamos sobre a neuropsicologia, campo da ciência que se dedica a estudar a relação entre as atividades cerebrais e as funções cognitivas. Também explicamos dois dos métodos pedagógicos que se diferenciam dos mais tradicionais: a pedagogia Waldorf e o método Montessori – saiba como eles estimulam a aprendizagem das crianças. E, por fim, trouxemos os principais estudos pedagógicos do educador brasileiro Paulo Freire. Esperamos que gostem.

Boa leitura!
A redação

ÍNDICE

03

Neuropsicologia

Os fundamentos dessa área da neurociência que relaciona o funcionamento cerebral e a cognição humana



06

Psicologia do desenvolvimento

Como a psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget ajuda até hoje na compreensão da evolução comportamental

10

Ao alcance das mãos

O método Montessori preza pelo incentivo da autonomia na infância da criança!

12

Ensino mais humano

Além de estimular o intelecto, a pedagogia Waldorf tem foco no bem-estar do aluno

14

Professores e alunos unidos!

Conheça as principais teorias educacionais do escritor brasileiro Paulo Freire

15

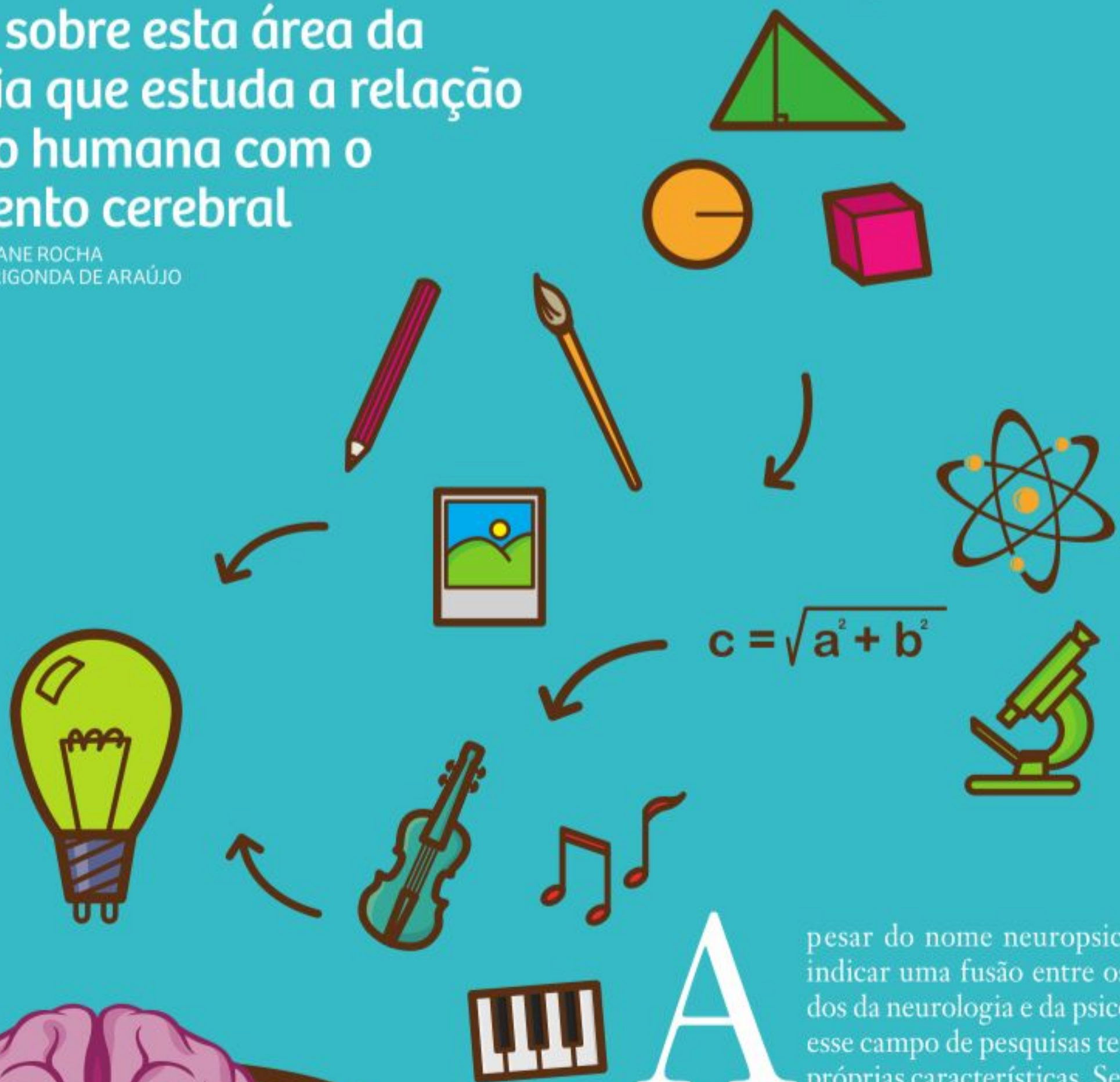
Saiba mais

Confira obras literárias sobre alguns dos temas trabalhados nesta edição

Neuropsicologia

Saiba mais sobre esta área da neurociência que estuda a relação da cognição humana com o funcionamento cerebral

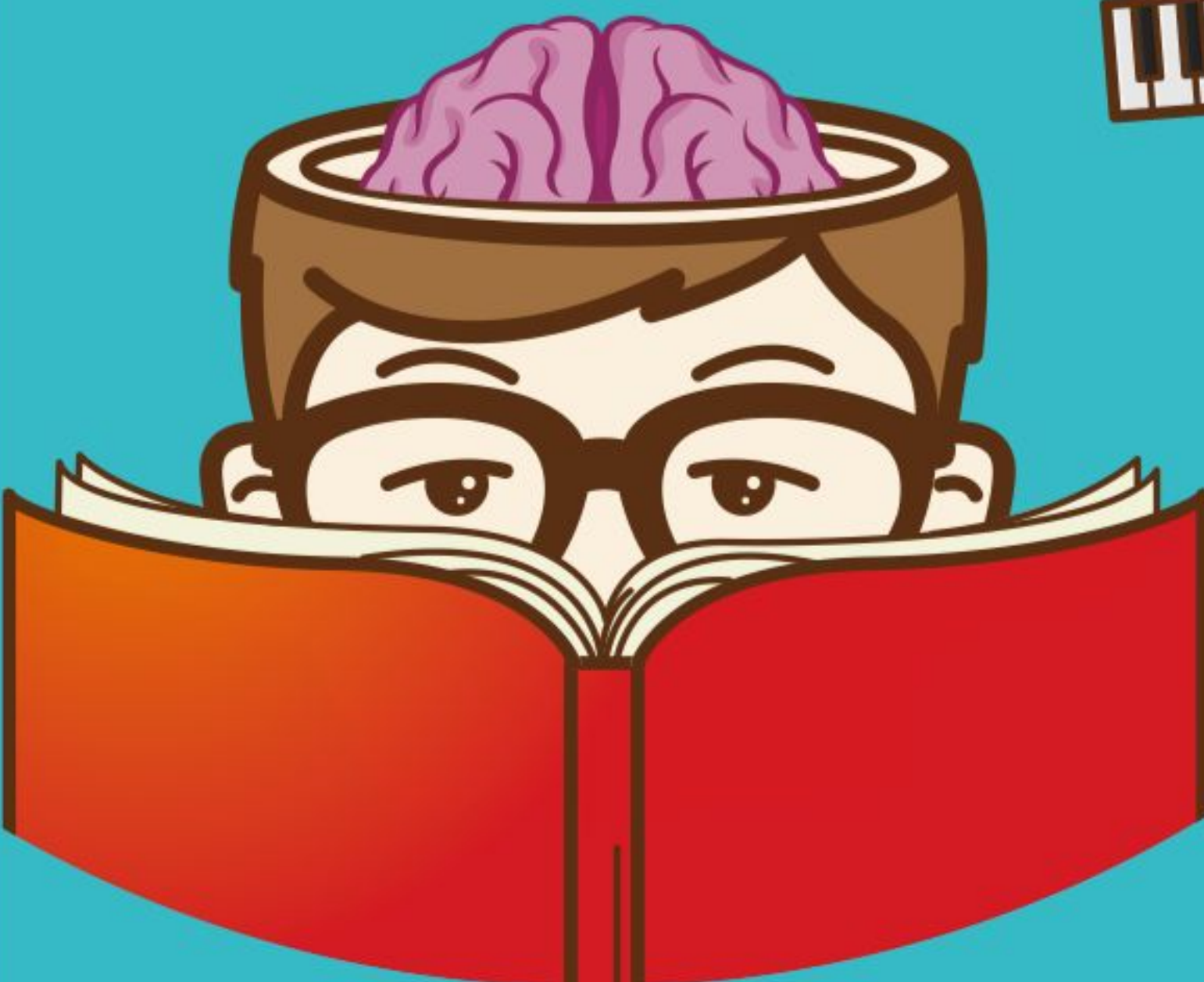
TEXTO E ENTREVISTAS GIOVANE ROCHA
DESIGN MARIA BEATRIZ MARIGONDA DE ARAÚJO



Apesar do nome neuropsicologia indicar uma fusão entre os estudos da neurologia e da psicologia, esse campo de pesquisas tem suas próprias características. Segundo Camilla Monti Oliveira, psicóloga com aprimoramento e especialização em neuropsicologia no contexto hospitalar, essa área de atuação é compreendida como “um ramo das neurociências que vai buscar compreender como ocorre a relação entre nosso cérebro e o nosso comportamento”.

Formação

Por não ser apenas uma soma dos conceitos trabalhados na neurologia com os da psicologia, a neuropsicologia se destaca como um ramo à parte. Mesmo assim, esse estudo não existe enquanto graduação específica em faculdades, mas, sim, como especialização. “É uma área considerada multidisciplinar, apesar de no Brasil a maioria dos neuropsicólogos possuírem graduação em psicologia”, ressalta Camilla.



Em busca de compreensão

Quando se fala dos primórdios da neuropsicologia, existem vários nomes e uma linha cronológica extensa que podem ser relacionados ao tema. Isso porque, apesar de o termo ter sido utilizado pela primeira vez nas palavras do médico canadense William Osler, os registros remontam a origem desses estudos até o Egito Antigo, por volta do século 17 antes de Cristo. Tais informações, segundo dados históricos, encontram-se em um documento conhecido como Papiro de Edwin Smith, nomeado assim devido ao seu descobridor, um egiptologista estadunidense que o adquiriu em 1862. Neste papiro, doado para o museu *New York Historical Society*, nos Estados Unidos, encontram-se o que são considerados os primeiros registros sobre cirurgias da medicina.

Assim, apenas séculos depois os estudos da neurociência se aprofundaram na neuropsicologia, revelando vários nomes importantes na área, como o neurologista brasileiro nascido em São Paulo Antônio Branco Lefèvre. Em 1950, o paulistano publicou sua tese sobre afasia infantil, condição caracterizada pela perda da fala devido a uma lesão cerebral. Em sua publicação, recorreu à neuropsicologia para estudar a ligação de tal deficiência cognitiva com o cérebro.

O nascimento desse campo de atuação, como explica Monti, “relaciona-se à necessidade encontrada por médicos de poder mensurar e buscar uma maneira de quantificar os danos causados, a princípio, por irregularidades neurológicas”.

Diagnóstico

Uma das funções atribuídas ao profissional com domínio nesta área é a avaliação neuropsicológica. No método, como esclarece a psicóloga com especialização em neuropsicologia Ana Carolina Cruz, são utilizados “testes que analisam as funções cognitivas, como: atenção, memória, funções executivas, percepção, funções motoras, linguagem, entre outras. Além disso, são considerados aspectos emocionais (humor), se necessário, e a personalidade, relacionando com a manifestação do comportamento”. Tal procedimento não é utilizado apenas em um contexto clínico, sendo necessário entrevistar familiares, amigos e até o próprio paciente a fim de se ter uma melhor perspectiva do quadro em questão. Nessa etapa são levados em conta fatores como: histórico pessoal (em casa, na escola e no trabalho, dependendo do caso) e familiar.

“Ao final do processo, é realizado um relatório neuropsicológico, em que estarão integradas as informações dos resultados de toda a avaliação e encaminhamentos sugeridos”, afirma Ana.

Outro ponto importante é a realização do diagnóstico diferencial de possíveis transtornos mentais ou dificuldades cognitivas. Nessa técnica da medicina, a investigação ocorre por meio da eliminação de quadros com base nos sintomas

do paciente para que, assim, o profissional encarregado chegue a uma condição específica.

Toda essa etapa se mostra fundamental pois proporciona uma maior precisão na identificação de determinados quadros relacionados à mente, evitando a formação de estereótipos. Como ressalta o neurocientista pós-graduado em neuropsicologia Aristides Brito, a avaliação ganha mais relevância por haver “uma grande quantidade de crianças sendo diagnosticadas como hiperativas ou depressivas sem ter uma base mais científica”.

Então, a partir de toda a análise, o especialista faz o planejamento terapêutico, indicando o processo seguinte da neuropsicologia: a habilitação ou reabilitação.

A volta por cima

Com todos os dados do paciente reconhecidos pelo neuropsicólogo, o próximo passo é retomar a autonomia do indivíduo. Para tanto, com as funções prejudicadas e preservadas delimitadas, o especialista vai indicar quais tarefas a pessoa está apta a realizar e as que precisa de estratégia para retomar.

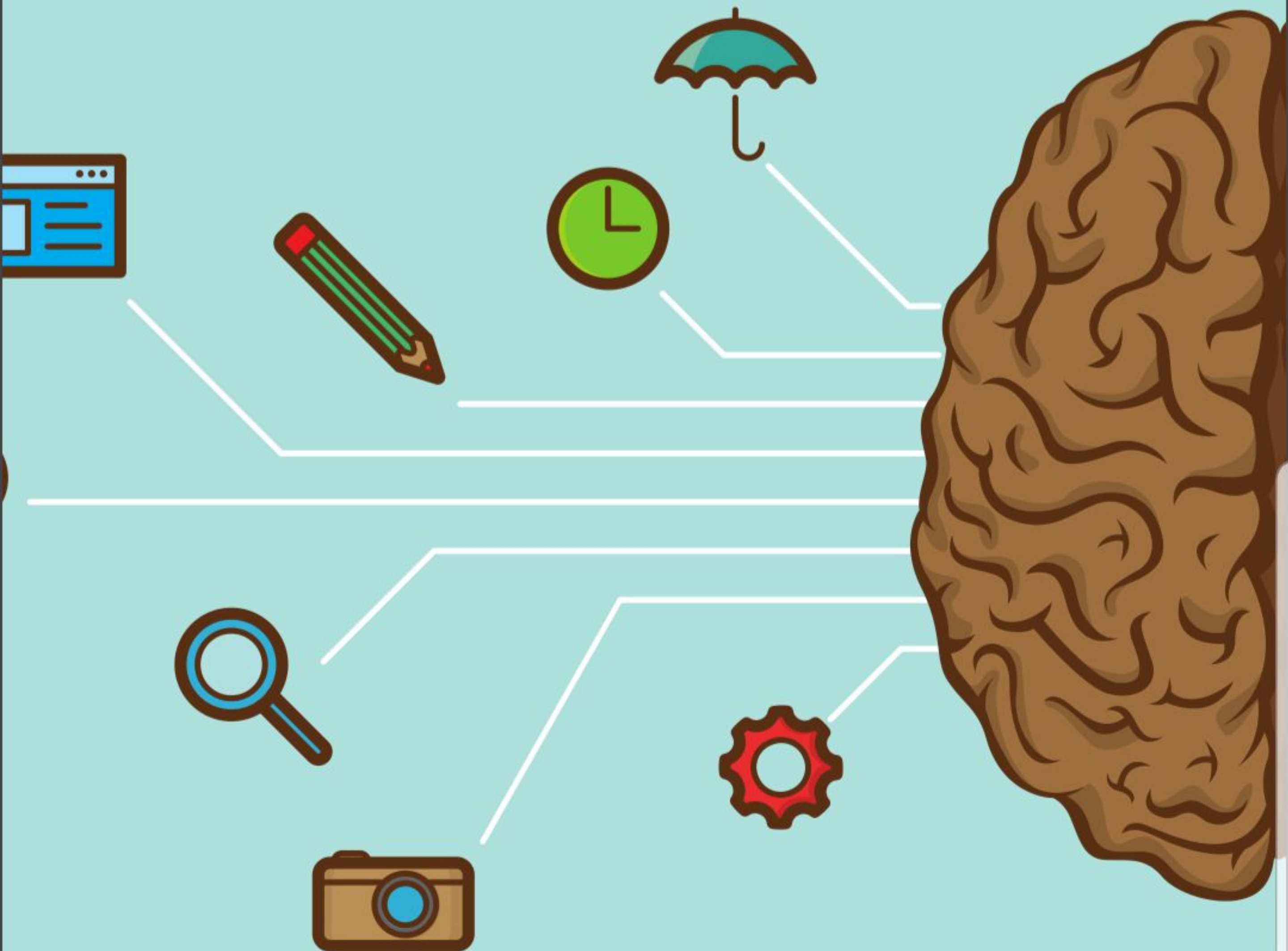
Uma criança que apresenta uma dificuldade atencional, com agitação dentro da sala de aula, exemplifica Ana Carolina, “memoriza minimamente o conteúdo passado pela professora ou tem dificuldade em escrever suas ideias”. Com essas queixas em mente, a psicóloga explica que o profissional precisa saber dados como frequência, intensidade e momentos das ocorrências. A partir de tais informações, juntamente com a avaliação neuropsicológica e o relatório dos educadores envolvidos, serão passadas as orientações para os pais e a escola.

Por ser um processo de testes personalizado de acordo com os sinais de cada situação, os métodos traçados para a recuperação dos pacientes pode variar muito. “Por meio do conhecimento do especialista, levando em conta o estudo do quadro para o qual foi solicitada a avaliação, é que este vai determinar e verificar o tempo e materiais necessários para aquele caso específico”, finaliza Camilla Monti.

“Ao avaliarmos uma criança, aproveitamos essa janela de desenvolvimento, que é a melhor fase para estimularmos nosso cérebro, já que ele ainda está em formação. Assim, conseguimos bons resultados.”

Camilla Monti Oliveira, psicóloga
especializada em neuropsicologia





CURIOSIDADE

Em diferentes áreas da medicina, existem casos que impressionam pelo diagnóstico e ganham destaque em livros, filmes e documentários. E com a neuropsicologia não é diferente. No livro *An Odd Kind of Fame (Um tipo estanho de fama*, em tradução livre para o português), é contada a história de Phineas Gage, um operário estadunidense que sobreviveu depois de, em um acidente de trabalho, ter seu cérebro e olho esquerdo perfurados por uma barra de metal. Após o ocorrido, o norte-americano começou a apresentar comportamentos diferentes dos seus habituais. Devido às lesões cerebrais e suas consequências na cognição, o quadro de Gage acabou tornando-se exemplar para os estudos neuropsicológicos.

CONSULTORIAS Ana Carolina Cruz, psicóloga com especialização em psicologia hospitalar pelo Hospital Israelita Albert Einstein (HIAE), em São Paulo, e em neuropsicologia pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSCSP), especialista em neuropsicologia pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), formação em reabilitação neuropsicológica pelo Departamento de Neurologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e associada da Sociedade Brasileira de Neuropsicologia (SBNp - www.sbnpbrasil.com.br); Aristides Brito, neurocientista com pós-graduação em neuropsicologia e diretor do Marca Pessoal Treinamentos (www.minhamarcapessoal.com.br); Camilla Monti Oliveira, psicóloga, neuropsicóloga e supervisora clínica do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto-SP (HCFMRP-USP), com aprimoramento e especialização em neuropsicologia no contexto hospitalar.

Evolução do conhecimento

Entenda do que se trata a psicologia do desenvolvimento e sua importância na área psicológica e educacional

TEXTO E ENTREVISTAS JÉSSICA PIRAZZA/COLABORADORA
DESIGN JOSEMARA NASCIMENTO

Responsável por teorias que revolucionaram a pedagogia e a educação, Jean Piaget nasceu na cidade de Neuchâtel, na Suíça, no ano de 1896. Especialista em psicologia evolutiva e no estudo de epistemologia genética, Piaget derrubou visões e teorias relacionadas à aprendizagem, dando início aos estudos que, posteriormente, ficaram conhecidos como psicologia do desenvolvimento.

As ideias do psicólogo e filósofo suíço podem ser percebidas na prática em diversos colégios ao redor do mundo. Suas teorias, que analisam a formação do conhecimento e buscam implantar um processo inovador que forme cidadãos críticos e criativos nos locais de aprendizado, defendem que o professor deve, além de ensinar, orientar seus alunos a encontrarem o caminho da aprendizagem autônoma.



Estudos

Apesar de não existir um método Piaget, o psicólogo foi um dos nomes mais influentes na área da educação na segunda metade do século 20. Com formação primária em biologia, dedicou parte de sua vida em observar cientificamente o processo de como acontece a aquisição de conhecimento dos seres humanos, especialmente na fase infantil. Suas três filhas tiveram importante participação para o desenvolvimento de suas pesquisas, que demonstraram que as crianças não raciocinam como adultos. Suas descobertas, então aportaram a necessidade de uma abordagem educacional diferenciada ao lidar com indivíduos da fase infantil.

Segundo comprovações práticas do suíço, o conhecimento se dá por meio das descobertas que a criança faz e, no âmbito escolar, o aprendizado é uma construção do próprio aluno. O psicólogo alterou a teoria pedagógica de que a mente da criança é um “quadro branco” esperando ser preenchido com conhecimento.

A psicologia

Piaget descobriu, por meio de avaliações, que crianças da mesma faixa etária costumavam cometer erros parecidos, o que o levou a pensar que o raciocínio lógico se desenvolve de forma gradativa. “Segundo ele, durante o processo de desenvolvimento, o conhecimento evolui de forma progressiva por meio de estruturas cognitivas que substituem umas às outras em estágios”, explica o psiquiatra Sérgio Lima. Assim, a psicologia do desenvolvimento estuda os estágios da maturação corporal e a interação psicossocial do ser humano, ou seja, as mudanças e transformações que ocorrem nos seres humanos ao longo da vida. “Essa área de estudo da psicologia preocupa-se com os aspectos dessas mudanças e, dessa forma, contribui com uma melhor compreensão do sujeito como um todo”, completa a orientadora educacional Miriam da Cunha.

Assimilação e acomodação

Com o desenvolvimento de seus estudos, ficou claro para o psicólogo suíço que as crianças não raciocinavam como os adultos. Na verdade, elas se inserem, gradualmente, nos símbolos, regras e valores existentes em seus meios. Essa inserção, segundo Piaget, se dá por dois meios: a assimilação e a acomodação.

O primeiro mecanismo, a assimilação, consiste em integrar novos objetos ou informações

exteriores a esquemas mentais que já existem. Por exemplo, se uma criança tem a ideia mental de uma ave como um animal que voa, tem pena e asas, ao visualizar um avestruz vai imediatamente assimilá-lo a um esquema mental que não corresponde exatamente ao que conhece – já que avestruzes não voam. A acomodação, por sua vez, trata-se da tendência de ajustar-se a novos objetos ou informações e, dessa forma, alterar a assimilação e as ideias mentais pela influência do meio externo. Seguindo o raciocínio do exemplo citado acima, após aprender que avestruzes não voam, a criança adaptaria o conceito generalizado de “aves” para incorporar as que não voam.

Na prática

Segundo a psicóloga Mariana Marco, a psicologia do desenvolvimento é aplicada em diversos contextos. “Alguns exemplos são na área educacional, em clínicas, hospitais e empresas”, cita a especialista. O conhecimento das fases da vida e das características de cada uma delas se torna base para inúmeras intervenções, seja qual for o ambiente.

No setor educacional é onde a teoria possui mais aplicação, uma vez que o planejamento do que e como ensinar implica em saber quem é o educando. “Cada aluno de uma sala de aula percebe, compreende e se comporta diante do mundo de formas específicas, de acordo com sua faixa etária”, aponta Miriam. O tipo de linguagem que um professor vai usar para ensinar uma criança será diferente da expressão usada para falar com um jovem, por exemplo.

Além disso, para Piaget, o ato de educar deve ser comum ao de “provocar atividade”, ou seja, deve ser realizado estimulando a busca do saber. “Os educadores devem estimular e favorecer o exercício mental do aluno, observando suas ações, identificando seu grau de desenvolvimento e quais são seus principais interesses”, esclarece Sérgio. A partir disso, ele pode reunir metodologias que estimulem a todos alunos de forma igual, possibilitando, assim, a construção do conhecimento de cada um deles.

O conhecimento das fases da vida e das características de cada uma delas se torna base para inúmeras intervenções, seja qual for o ambiente.

Estágios do desenvolvimento

Segundo Jean Piaget, a aprendizagem das crianças ocorre em diferentes fases da infância. Em seus estudos, o biólogo e psicólogo suíço dividiu essas fases em quatro partes. Confira abaixo quais são elas:

- **Período sensório-motor (de zero a dois anos):** esta é a fase de desenvolvimento inicial da coordenação e da relação de ordem entre ações. A criança começa a aprender reflexos básicos; é uma fase anterior ao domínio completo da linguagem, desenvolvendo a percepção de si mesmo e dos objetos à sua volta. Segundo a orientadora educacional Miriam da Cunha, “é o período da diferenciação entre objetos e corpo”.

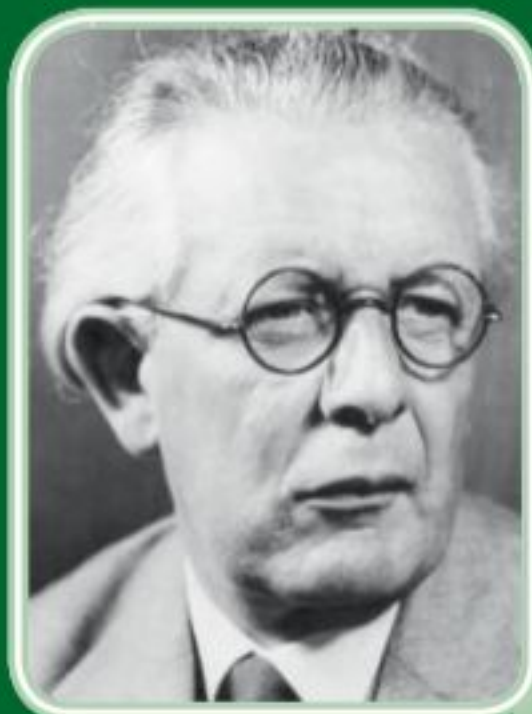
- **Período pré-operatório (de dois a sete anos):** “a criança começa a desenvolver a capacidade e o domínio da linguagem. Inicia-se, também, a representação do mundo através de símbolos, assimilando suas ações por imagens”, explica o psiquiatra Sérgio Lima. Este momento é famoso por ser a fase dos por quês, quando tudo é questionado ou necessita de uma explicação. Além disso, é quando a criança apresenta o ego-centrismo, o sentimento de posse. Isso é latente em alguns casos, mas é possível perceber que, nesse período, ela é capaz de se colocar no lugar de outra criança ou outro ser humano”, explica Sérgio. Segundo o especialista, é considerada uma fase muito importante na construção da personalidade da criança.

- **Período das operações concretas (de sete a 12 anos):** nesta etapa, o indivíduo está apto a aceitar o ponto de vista dos outros. Segundo Miriam, “a criança tem capacidade de classificação, agrupamento, reparação e reversibilidade de suas ações”. A partir disso, atinge um nível cognitivo maior e a habilidade de discriminar o que é certo ou errado, por exemplo. “Neste momento é possível perceber, também, que a criança começa desenvolver conceitos como concentração, responsabilidades, noções de tempo, respeito com o próximo, organização, entre outros”, completa Sérgio.

- **Período das operações formais (de 12 anos em diante):** este é o período transitório para a forma de pensar do mundo adulto. Como aponta Miriam, “é nesta fase que se forma a capacidade de raciocinar sobre hipóteses e ideias abstratas”. O indivíduo passa a desenvolver um pensamento mais dedutivo, habilitando-o a experimentar o mundo de forma mais madura por meio da adoção de novos conceitos. Esse estágio é importante,

segundo Sérgio, porque “é nele que se inicia a introjeção de aspectos morais e da percepção dos valores repassados pela família, dos princípios que são da comunidade onde vive e a construção do ideal de mudança e de colaboração para uma sociedade melhor”, detalha o psiquiatra.





AS IDEIAS DE PIAGET

Segundo a psicóloga Mariana Marco, a psicologia do desenvolvimento, além de outros fatores, “explica porque uma sala infantil é colorida, com cadeiras pequenas, tapetes coloridos e decoração artesanal, e porque uma sala de pré-vestibular tem pouca estimulação (como as cores, por exemplo) nas paredes”. Explica, ainda, como diferentes gerações podem se relacionar dentro de uma empresa. Para conhecer um pouco mais sobre as ideias desenvolvidas em suas pesquisas, selecionamos algumas citações do psicólogo e filósofo Jean Piaget:

- “A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas propõe”.
- “O professor não ensina, mas arranja modos de a própria criança descobrir. Cria situações-problemas”.
- “A inteligência é o que você usa quando não sabe o que fazer”.

Piaget descobriu, por meio de avaliações, que crianças da mesma faixa etária costumavam cometer erros parecidos, o que o levou a pensar que o raciocínio lógico se desenvolve de forma gradativa.

CONSULTORIAS Mariana Marco, psicóloga e mestre em psicologia do desenvolvimento e aprendizagem; Miriam da Cunha, orientadora educacional do ensino médio do Colégio Poliedro; Sérgio Lima, psiquiatra e especialista em psicologia social.

Ao alcance das mãos

O método Montessori surgiu da observação de uma médica italiana e hoje é aplicado em diversos países, visando a autonomia infantil

TEXTO E ENTREVISTAS CAMILA RAMOS/COLABORADORA
DESIGN MARIA BEATRIZ MARIGONDA DE ARAÚJO

A médica e educadora italiana Maria Montessori, nascida em 1870, enfrentou os preconceitos da época para conseguir estudar. Mesmo assim, conquistou especializações em diversas áreas do conhecimento que resultaram no método pedagógico inovador que leva seu sobrenome. Naquela época, havia a crença de que crianças, principalmente as mais jovens, não seriam capazes de aprender. Por esse motivo, Montessori passou a vida pesquisando, testando e aplicando suas técnicas para provar que o desenvolvimento infantil existe e deve ser estimulado. Em poucas palavras, a teoria ensina a respeitar o pequeno e seu ritmo de aprendizado, prezando pela autonomia, exploração e curiosidade nessa etapa da vida.

Criando cidadãos

O método se sustenta a partir de três pilares principais: a autonomia, a educação cósmica e a educação como ciência. O primeiro se define pela autoeducação, ou seja, deixar que a criança entenda seu ambiente e interaja com ele sem a interferência de um adulto. O segundo aspecto considera a compreensão do pequeno em relação à natureza que o cerca, seu papel nesse contexto e como melhorá-lo, uma vez que tudo e todos estão interligados. O terceiro pilar é o conhecimento experimental, levando a criança a explorar, indagar, criar hipóteses e testá-las.

Além disso, segundo a psicopedagoga Sandra Vivoni, a técnica não usa castigos nem uma vez que essa atitude constrói medo e resistência – nem oferece recompensas – já que aprender e poder fazê-lo sozinho é a melhor retribuição. A criança tem liberdade para agir em condições favoráveis à

vida, contudo “não tem liberdade para algo que vai lhe fazer mal, ao próximo ou que vá danificar o ambiente. Caso isso ocorra, o aluno é interrompido pelo adulto preparado e a disciplina se faz olhando-o nos olhos, falando devagar e com firmeza”, explica Vivoni.

Na prática

No dia a dia, um adulto consegue pegar um livro na estante, abrir e fechar armários (e encontrar os produtos neles contidos) ou, ainda, manipular de forma eficiente os objetos nas mãos. Podem até parecer atos simples, mas a diferença é que o espaço está adaptado para o seu tamanho e necessidades. Para uma criança, pegar um brinquedo em cima da estante pode ser uma tarefa difícil e frustrante. Por isso, o ambiente é a chave para aplicar o método Montessori. Dessa forma, seja na casa ou nas escolas que utilizam a técnica, é preciso criar um local em que tudo esteja ao alcance dos pequenos, com móveis baixos ou utensílios dispostos no chão.

Além disso, o adulto que irá supervisionar os exercícios deve ser “um mediador e condutor da criança por suas experiências com o mundo, bem como fazer o indivíduo explorar atividades sensoriais e ter um perfil multidisciplinar”, explica a psicopedagoga Luciana Brites. Os professores ou responsáveis devem agir como um guia, “observando o que atrai ou não o interesse da criança e como ela interage com os objetos”, explica Sandra Vivoni.

A interferência do adulto pode ser feita somente quando a atividade oferecer algum risco à criança ou quando ela já explorou o suficiente aquela tarefa e está pronta para novos desafios.

Desenvolvimento infantil

O método Montessori “pressupõe partir das etapas de aprimoramento cognitivo, emocional e físico dessa fase da vida, disponibilizando atividades que otimizem o seu potencial, utilizando uma abordagem mais natural possível e aproveitando a realidade em que o pequeno vive”, conceitua Luciana Brites. Com as atividades, é possível desenvolver pensamentos lógicos (ao resolver problemas e consertando erros), estimular a capacidade motora (ao explorar o ambiente), psicológicas (ao interagir com colegas de idades variadas e consigo mesmo), bem como o caráter social (ao incentivar a autonomia e responsabilidades).



ATIVIDADES MONTESSORIANAS

Existem diversas formas de incluir os benefícios do método Montessori no dia a dia da criança. Desde após o nascimento até a adolescência, é possível criar atividades que estimulem a autonomia e as capacidades cognitivas dos seus filhos. Confira algumas ideias fáceis e práticas:

1 • Caixa sensorial

Para estimular a curiosidade e a capacidade de reconhecer objetos, pegue uma caixa de papelão e corte dois buracos na lateral (que encaixem os braços da criança). Assim, sem que o pequeno possa olhar, coloque objetos que ela já conheça dentro da caixa e deixe que adivinhe o que são.

2 • Dedos na areia

Coloque em um recipiente areia colorida (própria para crianças e não tóxicas), deixando ao lado cartões com letras, números e imagens de objetos e animais para que o pequeno copie-os, desenhando com os dedos. É uma forma sensorial de ensinar a escrita.

3 • Ensinando as cores

Recorte um círculo de cartolina, divida-o em várias partes e pinte cada espaço com uma cor diferente. Em seguida, pegue pregadores de roupa e escreva os nomes das cores em cada divisão (de preferência usando as respectivas cores) e deixe que seu filho relacione a fatia do círculo com um pregador.

4 • Circuito

Para estimular a capacidade motora, você pode criar trilhas para seu filho em casa. Para aqueles que engatinham, disponha os móveis formando barreiras e coloque brinquedos ao longo do circuito. Assim, o pequeno será incentivado a ir ao próximo ponto. Para os mais velhos, cole fitas coloridas em diversos ambientes formando um caminho para que a criança ande sobre ela.

5 • Quarto montessoriano

A decoração do cantinho da criança deve ser adaptada para que ela consiga fazer tudo sozinha, ou seja, a cama deve ficar a uma altura em que consiga subir e descer quando preferir, sem problemas. Além disso, em vez de prateleiras altas, monte estantes baixas para colocar livros e brinquedos ao alcance das mãos do pequeno, por exemplo.



CONSULTORIAS Luciana Brites, psicopedagoga do Instituto NeuroSaber de Londrina(PR); Sandra Vivoni, psicopedagoga e professora de pedagogia do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM), no Rio de Janeiro(RJ).



Ensino mais humano

A abordagem Waldorf se baseia em atividades que trabalham para além do lado intelectual da criança, com enfoque no bem-estar do indivíduo

TEXTO E ENTREVISTAS RAFAEL DE TOLEDO/ COLABORADOR
DESIGN JOSEMARA NASCIMENTO

Arte e música. Esses campos poderiam ser facilmente encarados como disciplinas extracurriculares em uma escola com ensino tradicional. Porém, quando se trata da pedagogia Waldorf, isso não acontece. Esse sistema busca associar a educação à humanização dos alunos, preparando-os não somente para questões práticas, que envolvem a formação intelectual, como também a relação com o ambiente e com a sua formação individual.

Mudanças de perspectiva

Esse sistema pedagógico surgiu na Alemanha em 1919, quando o filósofo austríaco Rudolph Steiner foi recrutado pela fábrica de cigarros Waldorf-Astoria com a função de formar um sistema de ensino para os filhos dos funcionários. A partir desse pedido, utilizando-se da corrente filosófica antroposofia – criada pelo austríaco – Steiner procurou demonstrar como o conhecimento científico humano está associado a outros campos, que além do intelectual, como a parte física e espiritual.

A abordagem Waldorf se reverberou no continente europeu (que encontrava-se devastado pela Primeira Guerra Mundial, encerrada um ano antes) e hoje está associado a diversas instituições do mundo inteiro, inclusive no Brasil, onde há 25 escolas de ensino ligadas a esse sistema.

O viés antroposófico fomenta os moldes para uma educação em que a construção do sujeito e da rotina escola se associa à ideia de pensar, sentir e querer. Dentro dessa premissa, a psicopedagoga Luciana Brites comenta que um dos primeiros passos é o trabalho da parte física. “Chega-se às funções cognitivas superiores depois ter exercitado o sentido, o experimentar”, revela a profissional.

O processo de humanização está embasado na relação que a criança também estabelece com o ambiente e com o professor. Segundo Luciana, os profissionais devem estar correlacionados com os seus alunos, de modo que acreditem nesse modelo de ensino. “Na escola Waldorf, os educadores costumam acompanhar a classe por um tempo maior. Por vezes, lecionam de dois a três anos com os mesmos alunos, para, assim, terem um conhecimento aprofundado sobre eles”.

O método introduzido inicia-se na educação infantil e estende-se até o ensino médio. Nessa última fase, as matérias que constariam no processo seletivo do vestibular são ministradas de acordo com o método Waldorf. Algumas distinções, como a produção de peças teatrais, conferem o diferencial desse estilo pedagógico. Marina Calache, especialista em pedagogia Waldorf, acrescenta que, por exemplo, “no décimo segundo ano, o aluno escolhe um tema de seu interesse e o eleger para pesquisá-lo durante um ano, levando suas análises diante de uma banca examinadora”.

A aprendizagem no sistema Waldorf compreende 12 anos inspirados pelas fases de formação cognitiva do ser humano. O uso dos sons das palavras é uma das formas de aprimorar as potencialidades de cada aluno, aderindo, portanto, ao modelo fonético de educação. Nele, os fonemas ajudam a construir o processo de escrita, e uma das práticas que revelam tal tendência é o desenho das letras, o qual auxiliará no aprendizado da leitura.

Papéis do educador e da instituição

O espaço é um dos pilares na formação pedagógica da criança. O contato com a natureza está em um dos preceitos desse sistema e, para isso, o ambiente costuma permitir o contato com a vegetação. Em relação ao material, as escolas Waldorf vão na contramão de instituições que enfatizam o potencial tecnológico.

O método de ensino incentiva o aluno a manter objetos tradicionais, como o caderno, que, costuma ser o maior instrumento para a criança. Tal fato é explicado pela ausência de livros didáticos. “A criança se torna participante desse processo de adquirir conhecimento; seu caderno é confeccionado não para ser um lembrete ou um repetidor do que o professor colocou na lousa, mas para ser seu produto de conhecimento. Seu caderno é também seu livro”, como explica Calache.

Uma figura presente no corpo de funcionários de instituições que seguem essa linha é o médico-pedagógico, que está presente para o monitoramento da condição física de alunos. “Prezamos e preservamos este momento da vida, permitindo o aprender como um fluxo bem natural, como o que ocorre numa casa. Cozinhar, cantar, brincar, pintar, plantar, desenhar, ouvir histórias, tudo isto é proporcionado num ritmo impulsionador de saúde”, comenta a pedagoga.

O profissional que atua na escola Waldorf mune-se de alternativas que condizem com a essência do sistema. O diálogo, por exemplo, faz-se sempre presente na relação aluno e professor e se estende ao contato com os pais.

PRIMEIRA FACULDADE COM SISTEMA WALDORF NO BRASIL

Recém-inaugurada, a faculdade Rudolph Steiner no Brasil oferece o curso de pedagogia e se molda nos preceitos da corrente Waldorf para a formação dos profissionais, sendo essa marcada pelos preceitos humanísticos. Mas como isso é possível durante a graduação? As atividades vão de encontro com as possibilidades de experimentação com o ambiente e com o indivíduo, assim como apresentado pelo método aplicado em escolas de educação infantil, fundamental e média. Reconhecido pelo Ministério da Educação, o curso não possui o intuito de formar profissionais especialistas nessa corrente. As atividades seguem a base curricular de pedagogia mais tradicional no Brasil com o acréscimo de algumas disciplinas que possuem teor mais humanístico, como a dança e a poesia.

CONSULTORIAS Luciana Brites, psicopedagoga e cofundadora Instituto NeuroSaber; Marina Calache, especialista em pedagogia Waldorf e consultora pedagógica em escolas de educação infantil e fundamental.

Professores e alunos, unidos!

A tese de Paulo Freire propõe que os profissionais da educação construam um ambiente mais democrático, no qual os alunos também sejam atuantes

TEXTO E ENTREVISTA RAFAEL DE TOLEDO/ COLABORADOR
DESIGN MARIA BEATRIZ MARIGONDA DE ARAÚJO

Quando o pernambucano Paulo Reglus Neves Freire decidiu teorizar acerca da educação e do processo pedagógico brasileiro, baseando-se nas correntes que surgiam no período como o marxismo e o existencialismo, talvez não tenha imaginado a repercussão que seu trabalho adquiriria. Mas o reconhecimento da tese freireana se faz presente na ainda hoje construção de escolas mais igualitárias.

Histórico

Nascido em Recife, o pedagogo Paulo Freire tornou-se reconhecido internacionalmente por meio de sua vasta bibliografia, mas, principalmente, pelo seu livro *Pedagogia do Oprimido*. Na obra, o estudioso discute sobre a estruturação hierárquica dentro das salas de aula e como isso reflete a imposição de uma política burguesa, a qual não lança olhares às parcelas sociais mais desfavorecidas.

Em uma época permeada pela repressão e censura imposta pela ditadura militar, ocorrida no Brasil em meados da década de 60, Freire surge com uma ideia que rompia com o potencial de essa tendência opressora influenciar a sala de aula. Demonstrando que o aluno não era uma figura apenas receptora de informação, o pedagogo sugere com seu método que professores e estudantes formem um sistema menos alienante, em que os diálogos não sejam conduzidos apenas com a competência do corpo docente.

Conceitos aplicados

A troca de conhecimento é a premissa da tese freireana. Em termos educacionais, sua proposta vem de encontro ao antiautoritarismo de professores e alunos ensinam e aprendem juntos, engajados para estabelecer um diálogo permanente. Para Paulo Freire, o professor ao ensinar aprende, e o aluno ao aprender ensina”, enfatiza a psicopedagoga Danielle Barreto.

O trabalho do pedagogo esteve presente na construção de uma educação conscientizadora, na qual os professores demonstram a seus alunos ferramentas para debaterem a modificação das nuances opressivas da sociedade. “Paulo Freire pensa a educação não somente como um ato político, mas também como trabalho de conhecimento, uma ação criadora”, revela a profissional.

Após educar em 40 horas semanais, durante 45 dias, trabalhadores analfabetos dos campos de cana de açúcar, no Rio Grande do Norte, Freire notou que a recepção era possibilitada com o interesse do professor pelos fundamentos que seus alunos dominavam. Por isso, para o pedagogo, “ensinar é uma especificidade humana, que prioriza a necessidade de o professor saber escutar o educando, sendo o diálogo a sua principal ferramenta de ensino”, conclui Danielle.

CONSULTORIA Danielle Barreto, psicopedagoga e coautora do livro *O desafio de educar hoje!*, Editora Conquista, 2018.

Biblioteca do saber

Confira obras para conhecer e compreender melhor a relação entre a psicologia e o aprendizado humano

TEXTO LEONARDO GUERINO/COLABORADOR
DESIGN MARIA BEATRIZ MARIGONDA DE ARAÚJO/COLABORADORA

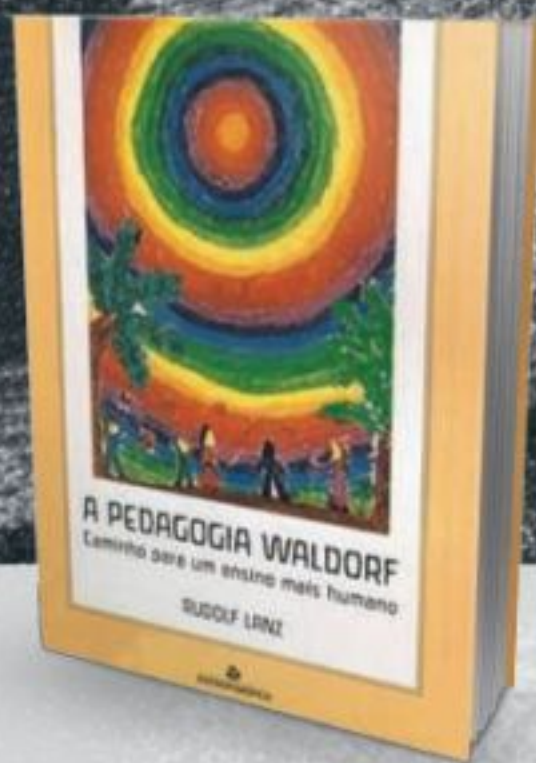


Método Montessori

Autor: Paula Polk Lillard

Editora: Manole

Essa metodologia é um conjunto revolucionário de teorias, práticas e materiais didáticos criados pela renomada pedagoga italiana Maria Montessori. Paula Lillard relata, por meio de sua experiência tanto como educadora como mãe, as questões que cercam esse processo. Apesar de ter atuado por muitos anos como professora em escolas públicas estadunidenses, foi graças à vivência que seu filho teve em uma escola montessoriana que levou a autora a se tornar porta-voz desse movimento educacional nos Estados Unidos e no mundo.

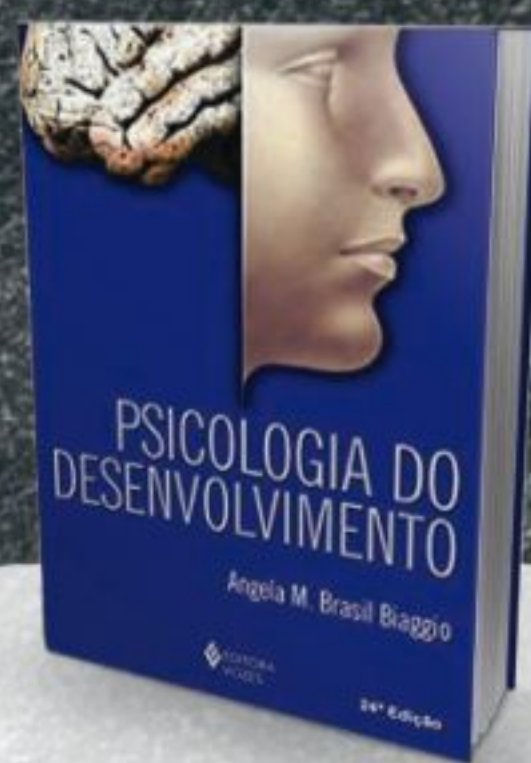


A Pedagogia Waldorf - Caminho para um Ensino Mais Humano

Autor: Rudolf Lanz

Editora: Antroposófica

Na maioria das opiniões vigentes, o objetivo da educação escolar se resume em levar conhecimento e informação para o aluno, tornando-o apto a atuar num mercado de trabalho competitivo. Porém, na pedagogia Waldorf, educar e ensinar significa promover o pleno desenvolvimento das capacidades em cada ser humano. Baseando-se nessas questões, a obra apresenta como esse tipo de metodologia pode formar e incentivar outras aptidões dos alunos, ajudando-os a superar possíveis obstáculos na descoberta de seus próprios caminhos de vida.



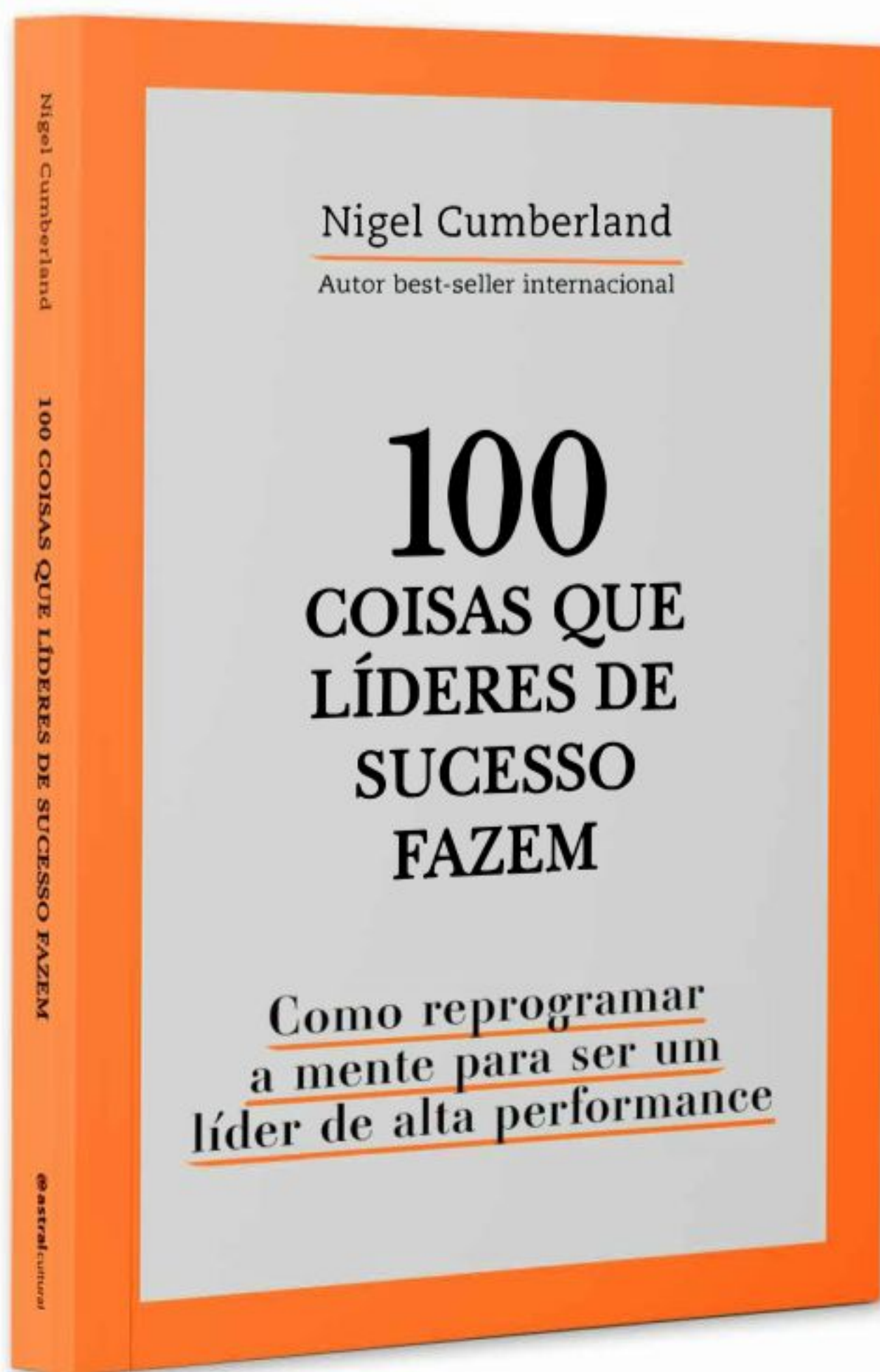
Psicologia do Desenvolvimento

Autor: Angela Maria Brasil Biaggio

Editora: Vozes

A obra apresenta a psicologia do desenvolvimento como uma disciplina científica, mostrando as principais teorias na área, tais quais a psicanalítica e de aprendizagem social. Conjuntamente a esses conhecimentos, são exibidas pesquisas sobre o desenvolvimento de elementos específicos, como: percepção, linguagem, julgamento moral, motivação, relação afetiva, agressão e identidade de gênero.

Não importa se ela é grande ou pequena,
trivial ou importante; liderança é liderança.
Aprenda a ser um líder de alta performance
com as 100 dicas de Nigel Cumberland.



**CLIQUE NO EXEMPLAR
E GARANTA O SEU**